

## **O Discurso da Mídia sobre a Teologia da Libertação (TdL) nos Jornais O Globo, Folha de S. Paulo e Revista Veja no Ano de 1984<sup>1</sup>**

Núbia Maria da SILVA<sup>2</sup>  
Cosette CASTRO<sup>3</sup>

### **RESUMO**

Este artigo analisa, pelo ponto de vista histórico, o discurso da mídia sobre a Teologia da Libertação no ano de 1984. Contém análise de títulos e chamadas das notícias/reportagens produzidos pelos jornais O Globo, Folha de S. Paulo e Revista Veja, no período de maior tensão entre as alas progressista e conservadora da Igreja Católica, que divergiam acerca dos fatos relacionados ao processo (desde 1982) contra o teólogo Leonardo Boff, após a publicação de seu livro Igreja: Carisma e Poder. O teólogo foi levado a julgamento na Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé após a divulgação, na mídia, do Documento: “Instruções Sobre Alguns Aspectos da Teologia da Libertação”. Metodologicamente, o estudo utiliza a Análise do Discurso da mídia, de corrente francesa, com contribuição do método Histórico. O texto mostra como os três meios de comunicação brasileiros trataram a “Teologia da Libertação”, o teólogo (Leonardo) “Boff” e o “marxismo<sup>4</sup>”, contribuindo para o apagamento desses temas nos anos posteriores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Mídia; Análise do Discurso; Teologia da Libertação; Leonardo Boff

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na X Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada em São Paulo, SP, 27/8/2015.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação pela Universidade Católica de Brasília (UCB), e-mail: [nubiams30@gmail.com.br](mailto:nubiams30@gmail.com.br) ou [nubia\\_silva@uol.com.br](mailto:nubia_silva@uol.com.br)

<sup>3</sup> Orientadora da dissertação de mestrado. Pós-doutora em Comunicação para o Desenvolvimento Regional. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Católica de Brasília (UCB), e-mail: [cosettecastro2012@gmail.com](mailto:cosettecastro2012@gmail.com)

<sup>4</sup> O marxismo, de acordo Comblin (1986), é um sistema econômico, fundado por Karl Marx. O pensador deu-lhe um fundamento científico. Mas o autor viveu numa época em que os espíritos mais avançados começavam a esperar da economia o segredo da história da humanidade. Deu-lhe crédito entre as mentes modernas. É nesse contexto introdutório que Marx constata que o êxito do marxismo veio da sua heterogeneidade. “É possível aceitar uma parte sem o todo. O que permite grande expansão”, COMBLIN (1986: 280).

## Introdução

Em tempos em um papa latino-americano vem reaproximando teóricos da Teologia da Libertação da Igreja Católica do século XXI, vale a pena voltar na história para compreender como a mídia brasileira, em especial os jornais O Globo, Folha de S. Paulo e a Revista Veja contribuíram para o apagamento dessa proposta cristã de cunho progressista no ano de 1984. Para isso, é preciso voltar ainda mais no tempo.

No ano de 1975, a Igreja do Brasil iniciou uma reflexão sobre a Teologia da Libertação (TdL), resultado da publicação do livro “Teologia da Libertação: Perspectivas”, do teólogo peruano Gustavo Gutiérrez. Logo depois, em 80, também foi publicado o Documento de *Puebla*<sup>5</sup>: um “discurso sistemático e metódico sobre a compreensão da fé” com uma clara “opção preferencial pelos pobres”. Nessa época, em 1984, era comum encontrar nos jornais matérias sobre os “teólogos da libertação”<sup>6</sup>. O Vaticano, preocupado, advertia – privada e publicamente - os teólogos acerca da tentação pela visão marxista. Falar de Teologia na mídia não era considerado tema de primeira linha, porém, durante todo o ano de 1984, os meios de comunicação impressos começaram a se interessar pelo tema. Um encarte na Folha de S. Paulo intitulado: “Teólogos da Libertação dão resposta ao Vaticano em SP”, do dia 31 de agosto de 1984, alargou a discussão sobre o tema.

Este artigo, reflexo da pesquisa de mestrado em Comunicação na Universidade Católica de Brasília (UCB), finalizada em 2014, busca conhecer o discurso da mídia sobre a Teologia da Libertação no ano de 1984, passados 30 anos daquele episódio. Para isso, foram escolhidos os dois maiores jornais do país: um de São Paulo, a Folha, e outro do Rio de Janeiro, O Globo, assim como a revista semanal de maior tiragem: a

---

<sup>5</sup> Puebla: Documento fruto da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, inaugurada pelo Papa João Paulo II. Realizada na cidade mexicana de Puebla, entre os dias 27 de janeiro e 13 de fevereiro de 1979. Disponível: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Terceira\\_Confer%C3%A2ncia\\_Geral\\_do\\_Episcopado\\_Latino-Americano](http://pt.wikipedia.org/wiki/Terceira_Confer%C3%A2ncia_Geral_do_Episcopado_Latino-Americano). Acesso em: 18 out. 2013.

<sup>6</sup> A dissertação de mestrado: “O Discurso da Mídia sobre a Teologia da Libertação (TdL): o estudo de caso da Revista Veja e dos Jornais O Globo e Folha de S. Paulo” (UCB, 2014) apontou 191 matérias publicadas no ano de 1984 nos três veículos selecionados, sendo 56, da Folha (só nos meses setembro/outubro/1984), 59 do Globo (só nos meses setembro/outubro/1984) e 76 da Veja, desta, 35 reportagens especiais ocuparam as primeiras páginas das editoriais de Religião, Igreja, Brasil, História e Educação.

Revista Veja. A pesquisa foi concentrada nos meses de setembro e outubro de 1984, período da condenação e licenciamento do teólogo Leonardo Boff e outros colegas da TdL. Respirava-se um clima de tensão dentro da Igreja Católica em meio aos intensos debates que envolvia a ala progressista e a conservadora.

No decorrer do texto são analisados os títulos e as chamadas das notícias/reportagens publicadas em tais mídias, tentando conhecer e analisar o discurso midiático construído sobre a Teologia da Libertação. A complexidade do tema exigiu o diálogo entre as metodologias Análise do Discurso e Método Histórico, correlacionando o contexto em que aparece a TdL no Brasil e o papel da mídia naquele momento. O artigo mostra também o clima de expectativa, incentivado pela mídia, sobre os rumos da nova Teologia no país que se encontrava em pleno processo de retorno à democracia.

Para construir a referência teórica, foram consultados autores como Boff (1984), Andrade (1991), além de contar com o apoio de Libânio<sup>7</sup> (2007), que ajudam a montar a trajetória histórica da Teologia da Libertação no Brasil. O movimento do discurso da mídia sobre a TdL é apresentado mediante conceitos de *discurso* em Comblin (1986), Orlandi (2010) e Foucault (2009) e *valor de verdade* em Charaudeau (2006). Já a produção de sentido é percebida no processo aplicado ao discurso informativo com destaque em Verón (1984).

Para ter-se uma ideia desse fenômeno, conforme Silva (2014), só a revista Veja contabilizou 76 publicações, sendo 35 reportagens especiais, 11 em matérias/notícias, outras 11, em Cartas ao Leitor; nas páginas (amarelas) de abertura nove entrevistas; quatro em Editoria de Livros (lançamento de obra com enfoque no tema); houve três notas na “Coluna Radar” e uma publicação em cada um dos espaços “Ponto de Vista”; “Data” e “Cinema”.

Do Jornal O Globo, 49 páginas publicadas, com um a três recortes em cada página, com 59 publicações, sendo 30 matérias e notícias na Editoria O País; 11

---

<sup>7</sup> João Batista Libânio - É padre jesuíta, escritor e teólogo brasileiro. Seus estudos de Teologia Sistemática foram efetuados na Hochschule Sankt Georgen, em Frankfurt, Alemanha, onde estudou com os maiores nomes da teologia europeia. Possui mestrado e doutorado em teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG) de Roma. Foi Diretor de Estudos do Pontifício Colégio Pio Brasileiro em Roma, durante os anos do Concílio Vaticano II. Dedicou-se ao magistério e à pesquisa teológica na linha da Teologia da Libertação. É autor de aproximadamente 125 livros, alguns editados em outras línguas. Foi assessor dos encontros das CEBs. Faleceu em janeiro de 2014. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o\\_Batista\\_Lib%C3%A2nio](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Batista_Lib%C3%A2nio). Acesso em 16 ago. 2014.

reportagens na Editoria Mundo; três matérias/artigo assinados por bispos da ala conservadora da Igreja Católica; duas chamadas na Capa; seis Box sobre o tema Teologia da Libertação, na Editoria País; três cartas dos leitores; uma notícia na Editoria Grande Rio; duas notas e uma chamada no “Hoje na TV”.

Já na Folha de S. Paulo, foram selecionados 56 recortes, entre eles, 29 matérias/reportagens na Editoria de Política; 13 notícias na Editoria Exterior; três artigos assinados (Alfredo Basi, Hélio Pelegrino e Cândido Mendes); dois em Editoria Opinião/Carta dos Leitores; quatro matérias/Geral na Editoria Educação; duas chamadas de capa; duas notas editoria Exterior/Geral e um editorial reportando o tema. Isso sem mencionar a estatística de publicações nos outros veículos de grande circulação no Brasil, na mesma época, divulgou-se o fenômeno religioso/social, fato que foi analisado.

Para este artigo, recortaram-se seis publicações das mídias estudadas, sendo duas de O Globo; duas da Folha de S. Paulo e duas da Revista Veja, inseridas nos métodos de análise dos textos aqui apresentados.

## **1. Teologia da Libertação: contexto e trajetória histórica**

A história da formação da Teologia da Libertação não pode ser entendida sem que se faça referência ao contexto social no Brasil e na América Latina e ao que foi feito, desde o início da década de 60, para a elaboração de uma teologia própria do continente latino-americano. O ano de 1964 é significativo: o Brasil vivia um golpe militar, a América Latina estava imersa na efervescência dos regimes ditatoriais e Cuba havia iniciado um regime comunista. O contexto social da América Latina caracterizava-se, conforme Libânio (2007), no momento do surgimento da TdL, pela opressão e pelo domínio de um capitalismo selvagem e dependente. No campo pedagógico (década de 60), o educador Paulo Freire desenvolvia um método popular de alfabetização de adultos, proporcionando, simultaneamente, a conscientização política.

A Igreja Católica inseria-se naquele contexto com a abertura ao plano social, incentivada pelo Papa João XXIII, após a publicação de duas encíclicas: *Mater et*

*Magistra* (1961)<sup>8</sup> e *Pacem in terris* (1963)<sup>9</sup>. O próprio Papa falava da “Igreja dos pobres”, expressão reafirmada no Concílio do Vaticano II<sup>10</sup>. Foi uma conjuntura fértil para pensar e desenvolver uma teologia crítica e libertadora.

A Teologia da Libertação surgiu - assim denominada - em 1971 no livro programático do mesmo nome, do teólogo peruano Gustavo Gutiérrez, com publicação em português quatro anos depois, defendendo um engajamento das igrejas cristãs na sociedade e contra as desigualdades sociais. Elaborada num contexto cristão de miséria, a TdL inspirou-se na realidade do pobre, como diz o Documento de *Puebla*, como o mais devastador e humilhante flagelo em que a situação de desumana pobreza fazia viver milhões de latino-americanos, vítimas de salários de fome, do desemprego e do subemprego, de desnutrição, da mortalidade infantil, da falta de moradia adequada, de problemas de saúde e da instabilidade no trabalho. De acordo com BOFF (1985:13), “Quem não se apercebe desta realidade escandalosa não pode entender o discurso da Teologia da Libertação”.

Entre as décadas de 70 e 80, a “teologia que parte da práxis” colaborou para o surgimento de diferentes movimentos sociais no campo e na cidade. Estruturava-se por realidades que a envolviam na sociedade e tornou-se plataforma para surgimento de articulações, ações e projetos sociais, conforme o Quadro 01 ( a seguir).

A Teologia da Libertação despertou a consciência da igreja cristã universal, latino-americana e do Brasil. Mas nos anos seguintes, os teólogos da libertação foram acusados de marxistas. Além disso, o peso (e o êxito) da Teologia da Libertação se fez sentir no Vaticano e na mídia. O pesquisador Paulo Andrade (1991) afirma que os setores eclesiais que se manifestaram contra as formas concretas da TdL possuíam uma visão comum do marxismo , classificando a ideia de que seu núcleo fundamental fosse a “luta de classes”.

---

<sup>8</sup> *Mater et Magistra* (1961) – Carta Encíclica do Papa João XXIII sobre a evolução da questão social à luz da doutrina cristã. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_xxiii/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_15051961\\_mater\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater_po.html) . Acesso em: 24 jul. 2013.

<sup>9</sup> *Pacem in terris* (1963) – Carta Encíclica do Papa João XXIII sobre a paz de todos os povos na base da verdade, justiça, caridade e liberdade. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_xxiii/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_11041963\\_pacem\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem_po.html) . Acesso em: 24 jul. 2013.

<sup>10</sup> Concílio Vaticano II – (1962-1965) – Reunião de todos os bispos para decidirem os rumos da Igreja Católica no mundo moderno. Revista Vida Pastoral, set/out. 1996, p. 29.

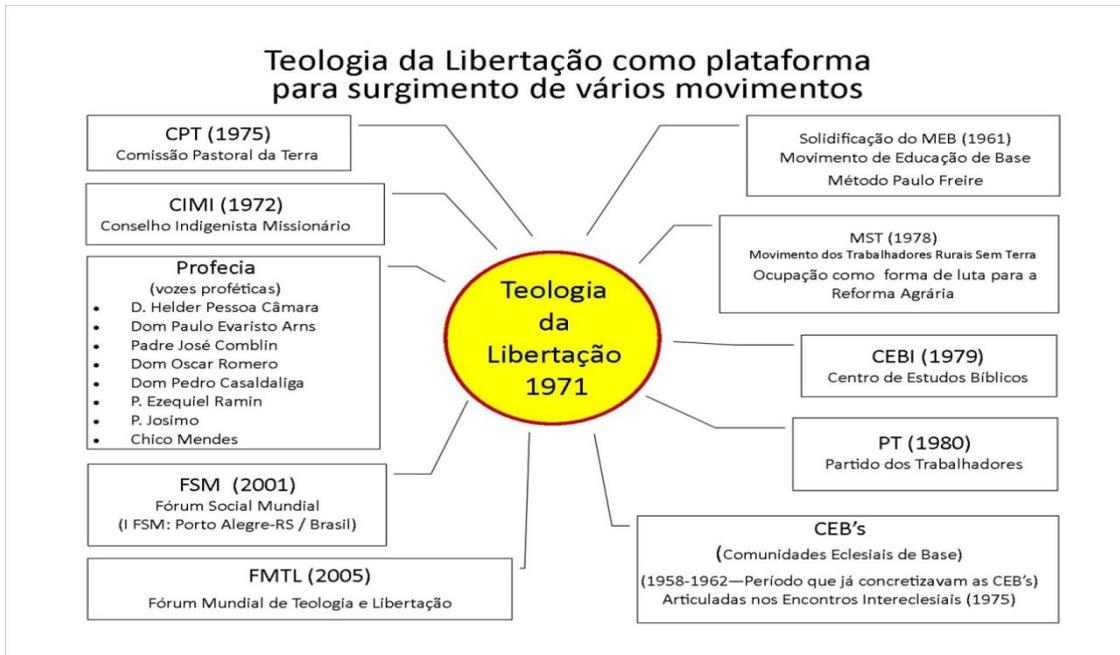


Gráfico 01: Elaboração própria

## 2. Teologia da Libertação na mídia

O documento “Instrução sobre Alguns Aspectos da Teologia da Libertação”, publicado nos jornais brasileiros cinco dias antes do lançamento oficial, em Roma (3 de setembro de 1984), apanhou de surpresa o meio eclesial internacional. “Anunciaram a condenação da TdL, porque lhe interessa a manutenção do sistema capitalista”, disse ISNARD (1985:85). O autor referia-se ao jornal Folha de S. Paulo de 31 de agosto de 1984, com a publicação do texto de defesa dos teólogos da libertação ao documento do Vaticano, publicado na íntegra, no mesmo exemplar conforme recorte abaixo. O debate, que se desencadeou na mídia sobre o tema criou no público brasileiro um clima de expectativa sobre os rumos da nova teologia.

Imagem 1



Folha de S. Paulo, 31 ago. 1984. (capa)

O jornal remontava-se à posição da Igreja Católica do documento do Vaticano e à posição dos teólogos da libertação. São conhecidas como as sete defesas (respostas) ao documento que, segundo Boff (1984), “o grande medo que a Teologia da Libertação provoca, como se pode notar pelo documento, não é o de recorrer à análise marxista. Mas é por exigir que a Igreja rompa seus vínculos com os opressores” BOFF (1984: 13). O teólogo costarriquenho Pablo Richard (1984), numa declaração, poucos dias após a apresentação oficial do documento, disse que não se tratou de uma condenação, mas sim um “discernimento positivo”<sup>11</sup> entre as diversas correntes do movimento teológico.

A história foi tecendo os fios que conduziram os discursos da mídia sobre a TdL. Os jornais O Globo e Folha de S. Paulo e a Revista Veja em 1984, ano em que se respirava o mesmo clima de tensão dentro da Igreja Católica em meio às alas progressista e conservadora, reproduziam tais tensões nas comunidades de base<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> O teólogo da libertação costarriquenho Pablo Richard (1984), numa declaração, poucos dias após a apresentação oficial do documento: “Instruções sobre Alguns Aspectos da Teologia da Libertação”, reporta o “discernimento positivo” entre as diversas correntes do movimento teológico para dizer que a Teologia da Libertação permitiu que a fé fosse mais libertadora e que o documento reconhece que a libertação é uma verdade essencial e a força da Teologia da Libertação não é econômica, política ou ideológica, mas espiritual na defesa da vida nas suas expressões mais concretas: terra, saúde, educação, participação, paz e justiça, e a espiritualidade da libertação se defronta com a idolatria do lucro, do poder globalizado e do mercado.

<sup>12</sup> As **Comunidades Eclesiais de Base – CEBs**, como são chamadas, surgem no final dos anos 50 e se consolidam no início dos anos 60, em um contexto de miséria e pobreza. Trata-se de um novo modo de ser Igreja que surge pela força e graça do Espírito. É a própria Igreja manifestando sua expressão mais humilde, *mais simples* e com muito mais vida. Essa vida das CEBs torna-se real à medida que é COMUNIDADE: comunhão de muitas comunidades. Quanto mais comunidades existem, maior é a força que tem; ECLESIAL: quanto mais forte e nítida é a identidade eclesial da CEB, maior é seu dinamismo; DE BASE: refere-se à base humana, social, étnica, política e religiosa. É o povo crente e humilde que se organiza pela da fé. As CEBs são a Igreja que nasce da fé dos pobres. Nas CEBs se dá o mínimo de estrutura com o máximo de inter-relação pessoal; o mínimo de verticalidade e de direção com o máximo

Falava-se na rua e na Igreja do mergulho na intensa miséria do país e do continente latino-americano. Mas era novidade tanto para a população como para a igreja católica verem estampados, nas primeiras páginas dos jornais do Brasil, os padres e bispos que estavam sendo acusados de marxistas.

### **3. O movimento do discurso da mídia sobre a TdL**

A palavra discurso, segundo Orlandi (2010), etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento ORLANDI (2010:15). O discurso movimenta-se para encontrar outro discurso dentro de um determinado contexto. Conforme Foucault (2009), o conceito de discurso relaciona-se às interdições que o atingem e revelam sua ligação com o *desejo* e com o *poder*. O discurso não é simplesmente aquilo que manifesta ou oculta o desejo, mas aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, o poder do qual quer apoderar-se. Embasada no conceito de discurso, toda enunciação constitui um ato com vistas a modificar uma situação (modificar o mundo ou uma dada realidade). Portanto, o discurso apontado por Foucault (2009) é interativo (conversação). É contextualizado (não se pode atribuir um sentido a um enunciado fora de contexto). É assumido (pode modular o grau de adesão); é regido por normas (está submetido a normas sociais) e, por fim, é assumido em um interdiscurso (o discurso não adquire sentido a não ser no interior de um universo de outros discursos).

Segundo Galilea (1978), ao longo da história, a Igreja Católica foi construindo o seu “discurso”, teologizando a mensagem da fé. Nesse sentido, pode-se dizer que a TdL é, fundamentalmente, uma teologia pastoral elaborada a partir das bases, comunidades do campo ou da cidade, conhecidas como Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), a partir da vida real do povo que vivia e ainda vive num continente marcado pela

---

de participação igualitária. IRIARTE, Gregório. CEB, um modo novo de ser Igreja: roteiro prático para animadores. São Paulo: Paulinas. 1992.

opressão, tendo a pobreza e a miséria como parte significativa da população<sup>13</sup>. Em vários setores eclesiais da América Latina, ela passou a ser “suspeita” e, quando não rejeitada, “tolerada”. Os centros de poder político e econômico se aproveitaram, conforme Galilea (1978), da posição “oficial” da Igreja para organizar uma pressão sistemática nos meios de comunicação conforme pode ser observado nas imagens 1, 2 e 3:

Imagem 1



Imagem 2



Veja, 5 set.1984. Editoria: Religião, p.92.

O Globo, 16 set.1984 Editoria: País, p.11.

Imagem 3



Folha S. Paulo, 23 set.1984. Editoria: Política, p.12.

Os três títulos e chamadas das matérias publicadas nos dois jornais analisados e na revista Veja, sobretudo no mês de setembro no ano de 1984, posicionam-se discursivamente contra a Teologia da Libertação. Os discursos configurados nos textos sobre a TdL desestruturaram, atingem, alteram e adulteram o “sentido” deles mesmos, como mostram as análises a seguir<sup>14</sup>.

#### 4. Método de análise dos textos

Ao analisar a tentativa de “efeito de sentido”, termo cunhado por Orlandi (2010), na relação: texto e contexto, o objetivo é saber “quem fala”, “para quem fala” e “como fala” da Teologia da Libertação. No título da notícia publicada no jornal O

<sup>13</sup> Em pleno Brasil do século XXI, existem 14 milhões de analfabetos, cerca de 15 milhões de famílias participam do programa Bolsa Família, o que representa uma média de 60 milhões de brasileiros e de outros 67% da população que não têm acesso à internet.

<sup>14</sup> A análise completa pode ser acessada na página do mestrado em Comunicação da UCB ([www.ucb.br](http://www.ucb.br)), onde se encontra a dissertação on line.

Globo em 2/10/1984: “Papa divulgará relatório contra Teologia da Libertação” (Cfr. imagem 4), Segundo Orlandi (2010), o sujeito está para o discurso assim como o autor está para o texto.

Imagem 4



O Globo, 2 out.1984. Editoria: Mundo, p. 14

O procedimento da análise é compreendido em três etapas: texto; instância de enunciação e efeito metafórico, segundo ORLANDI (2010:77).

Na **1ª Etapa** (texto) “Papa divulgará relatório contra Teologia da Libertação”, constrói-se um objeto discursivo. Na **2ª Etapa** (instância de enunciação), o jornal O Globo afirma que o Papa é “contra” a TdL. Com essa afirmação, o jornal fere os princípios da sua própria organização<sup>15</sup>: “apartidários” publicando sob a convicção de que a “reportagem é legítima”. No título, o jornal lança o alicerce do “relatório”, afirmando para os leitores que o “Papa” é “contra” a “Teologia da Libertação”. É um argumento retórico comum para levar os cristãos católicos a se posicionarem contra a TdL. Além disso, pretende gerar expectativas sobre o “relatório” oficial, limitando-se a indicar a maneira como o argumento deve ser interpretado.

Nessa asserção, está implícita a ideia de que o Papa é “contra” a TdL. Quando foi conhecido o “relatório”: “Instruções Sobre Alguns Aspectos da Teologia da Libertação”, da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, em nenhum momento se afirma que o Papa seja contra a Teologia da Libertação. Há uma manipulação do discurso jornalístico, considerando que a maior parte dos leitores – a não ser os especialistas no tema – deveriam ler o discurso papal.

De acordo com Orlandi (2010), *o dito* traz consigo necessariamente o pressuposto *não dito* no texto. A afirmação fica como subentendida, dependendo do contexto. A **3ª Etapa** (efeito metafórico) afirma que o Papa é “contra” a “Teologia da

---

<sup>15</sup> Princípios Editoriais das Organizações Globo. Disponível em: <http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.html> Acesso em: 9 ago. 2013.

Libertação” e o “relatório” que “será divulgado” confirmará a premissa do título da notícia. Nessa etapa, efeito metafórico é lugar da interpretação, da ideologia e da historicidade. Ainda, conforme Orlandi, essa é a relação entre a língua e o discurso: a língua é pensada como sistema sintático intrinsecamente possível. O *dito* e o *não dito* (ajuda a entender como o dizer tem relação com o não dizer), e como ele é tratado metodologicamente na análise. O pressuposto e o subentendido (o *não dizer* implícito) separará o que deriva propriamente da instância da linguagem daquilo que se dá em contexto.

## 5. Contribuição do Método Histórico

A contribuição do Método histórico-gramatical, defendido pelos reformadores (Martinho Lutero, Philip Melanchton, João Calvino, Ulrich Zúñglio como exemplos), que acentuaram a necessidade da interpretação histórica, gramatical, referindo-se ao contexto em que os livros da Bíblia foram escritos, é uma chave de leitura para apuração do sentido (ou dos vários sentidos) do texto dentro de um contexto histórico. Kunz (2008) classifica esse método em cinco passos: texto; contexto; tradução, análise e síntese. Procurou-se o diálogo dos estudos de comunicação com tal método para identificarem-se palavras registradas nos textos da mídia: a intenção do autor/editorial na construção do discurso da informação. (Cfr. Imagem 3 apresentada anteriormente).

### *Teologia da Libertação, uma grande polêmica que desperta os católicos*

**ANTENOR BRAIDO**  
De nossa equipe de reportagem

A polêmica travada sobre a Teologia da Libertação, com a ida do teólogo Frei Leonardo Boff ao Vaticano para explicar seus escritos, despertou entre os católicos paulistas grande interesse pelo assunto. “Todos querem ficar por dentro”, afirma Aiko Boreli, gerente de uma firma de seguros, que todos os domingos assiste missa na igreja matriz de Santana, bairro onde mora.

falhar alguma coisa. Acho que minhas atitudes não iam gostar.”

A polêmica, aparentemente, provocou um forte impacto entre os católicos, e até mesmo quem conhece bastante bem o assunto, como a CEB da paróquia do Jardim Elba (Zona Leste), onde foram feitos vários debates, prefere aprofundar os conhecimentos bíblicos. Tanto assim que o padre Luis Bassoglio pretende organizar, juntamente com a comunidade, um ciclo de estudos sobre a Teologia da Libertação com duração

igreja deve ir com cautela “para não misturar as coisas na galbaca quem não está ainda preparado” Mas concorda em grande parte et a Teologia da Libertação.

Na paróquia

Pedro Galeazzi, membro da Comunidade Eclesial de Base do Jardim Elba, afirma que a Teologia da Libertação vem sendo aplicada prática no bairro desde 1973, quando a CEB foi fundada. “Além de muitas missas, orações e reflexões, têm

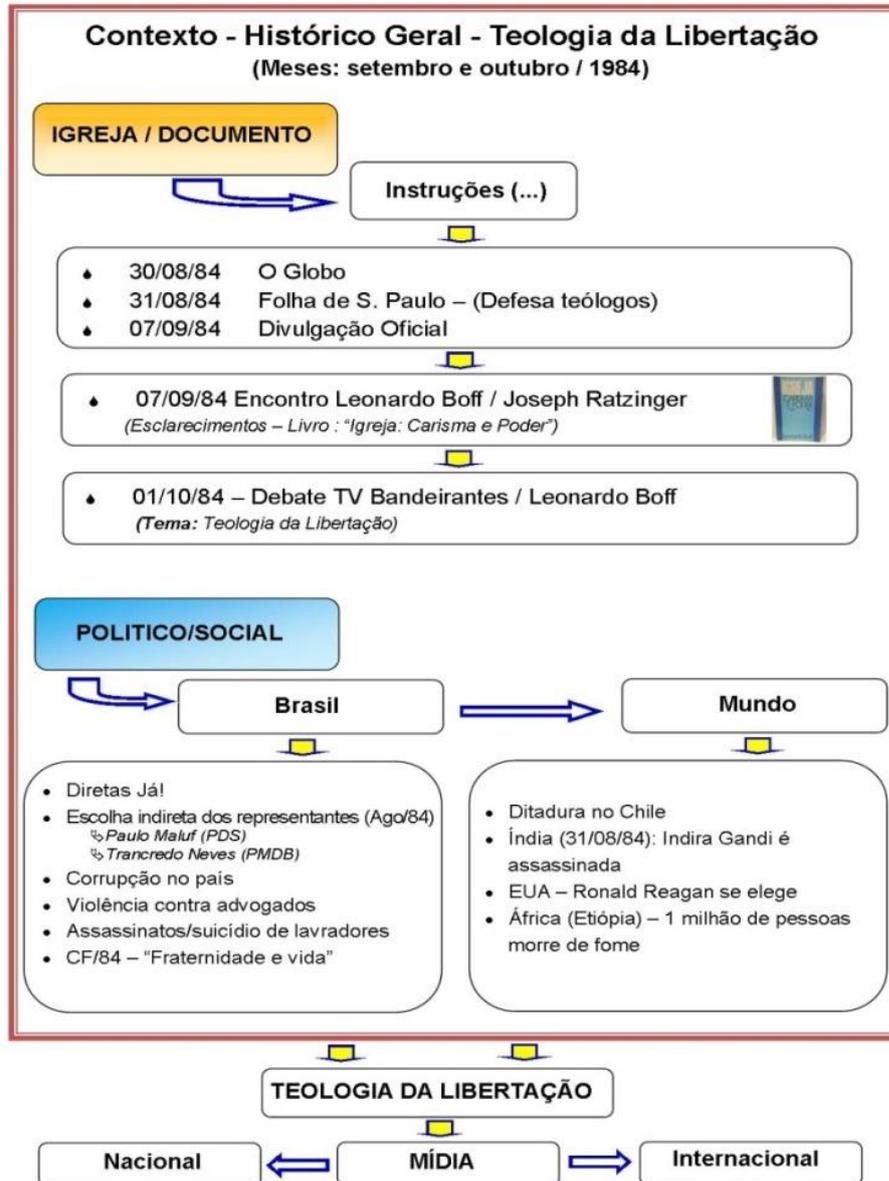
Folha de S. Paulo, 23 set.1984, p. 14

**1º Passo** (Texto) - “Teologia da Libertação, uma grande polêmica que desperta os católicos”. (Folha S. Paulo, 23/09/1984, p.12).

**2º Passo (Contexto)** - O clima tenso em que se vivia na Igreja no ano de 1984, sobretudo entre os meses de setembro e outubro no campo da eclesiologia<sup>16</sup>, tornava os problemas com a TdL mais agudos. O teólogo Leonardo Boff havia sido convocado pela Sagrada Congregação da Doutrina da Fé, em Roma, para esclarecer alguns pontos do seu livro “Igreja: Carisma e Poder” e o documento do Vaticano: “Instruções”, já era tema de domínio público. No Brasil ocorria a fase de desagregação do regime ditatorial com o movimento “Diretas Já”. Esse era o contexto do processo da afirmação da prática pastoral libertadora e da TdL. Como afirma Libânio (1987:61), “era um momento da resignação, da cruz, do martírio, do sofrimento” (Cfr. Quadro 02 - síntese da conjuntura).

---

<sup>16</sup> . Quer dizer: no Campo da Igreja, pois a palavra Igreja provém do grego *eklesia*, portanto, é chamada teologicamente de Eclésia/Eclesiologia, ramo da teologia cristã que trata da doutrina da Igreja: sua origem, sua disciplina, sua forma de se relacionar com o mundo, seu papel social, as mudanças ocorridas, a relação com outras denominações e sua forma de governo. Um Projeto que começou a ser implantado com o anúncio do nascimento de Jesus de Nazaré (Lc 1:31-35).



Quadro 02 - Autoria própria

**3º Passo** (Tradução) - Não existe um texto original comparativo, nesse caso, com o título em análise, mas existe o conteúdo original gerador da “polêmica”: a própria essência da Teologia da Libertação.

**4º Passo** (Análises: léxica, morfológica, estilística) - As palavras: “polêmica”, “desperta” e “católicos”, utilizadas no título, têm um significado, um conceito:

“polêmica” - Adj. Significa discussão (que gosta de discutir), controvérsia sobre questões políticas, literárias, científicas etc (Cfr. Dicionário Aurélio On-Line). “Desperta” – Verbo - (que despertou). Está acordado. Conforme dicionário Aurélio *on-line*, o significado de tal palavra na Bíblia: “Amados, já é esta a segunda carta que vos escrevo; em ambas **desperto** em admoestações o vosso ânimo sincero” (II Pd. 3,1).

“Católicos” – segundo o Dicionário Teológico (1998), do termo grego: *katholicós* (= universal/geral). Começou a aparecer no vocabulário cristão a partir de 450 D.C. No que tange às epístolas católicas, receberam elas essa designação de Orígenes, significando terem sido escritas a todas as Igrejas, segundo ANDRADE (1998:79). No Dicionário *on-line* Aurélio: “católico” (adj. universal) que pertence à religião de Roma que professa o catolicismo. O adjetivo “grande” tem dimensões consideráveis: amplo, extenso, vasto, profundo; um grande acontecimento que sobressai pela posição social, pela influência. Ex: “uma grande polêmica” (refere-se ao aspecto moral). O verbo de ação “despertar” tem significado de: acordar, tirar do sono, provocar, excitar. Fazer sair do estado de inércia. Ação de se manifestar: despertar da inteligência.

Utilizando-se a análise estilística, neste caso: o quiasmo (organização do texto em dois períodos consecutivos de modo que, no segundo período, reapareçam os mesmos elementos do primeiro, mas em ordem inversa: A e A’; B e B’), pode-se observar a seguinte estrutura:

**A** – *Teologia da Libertação* – é grande

**B** – Católicos – (subentende-se: “não dito”, mas dito “grande” = universal)

**C** – *Teologia da Libertação* – Desperta católicos

**B’** - Católicos – “desperta” – (a inteligência/tira da inércia, do sono)

**A’** - *Teologia da Libertação* – é polêmica

**5º Passo** (Síntese) – entra em diálogo com a Análise do Discurso em Orlandi (2010).

“Quem fala?” - O Editorial/<sup>17</sup>O jornalista Antenor Braido.

“Para quem fala?” A política econômica da ditadura militar levou o país a uma etapa monopolista, promovendo a classe média alta (leitores em potencial da Folha) em detrimento dos setores urbano e rural popular.

---

<sup>17</sup> Vale lembrar que a Folha de São Paulo apoiou a ditadura militar, inclusive cedendo carros para as ações policiais, entre outras ações, como se verá mais adiante.

“Como fala” da TdL? A Teologia da Libertação dirigia o olhar para a situação econômica. Segundo Rúbio (1977), ao romper com modelos passados no processo ruptura/busca, surgiram os pontos de contato e divergentes: dimensão política da fé. A TdL entrava em confronto com a teologia que tinha sido usada a serviço da dominação. O discurso da Folha de S. Paulo sobre a TdL é que é “polêmica” e “desperta os católicos” (os movimentos sociais, as CEBs, o povo em geral). É preciso silenciar (foco da mídia: processo do julgamento do teólogo L. Boff que resultou no silêncio obsequioso<sup>18</sup> em 1985). Reforçou o foco na publicação do documento: “Instruções sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação”, conjugado ao processo de julgamento do teólogo Boff ligado à Teologia da Libertação.

Como afirma Libânio (2007), a TdL desmascarou a perversão teológica do capitalismo (em 1980) e, mais tarde, ao criticar e denunciar a globalização econômica neoliberal (em 1990) que produz aumento da pobreza, do desemprego, massivas migrações interna e externa de populações. Anunciou o Deus dos pobres, estimulando a globalização da solidariedade, fundada na consciência (“desperta”) planetária libertadora a partir dos países e camadas pobres da população. Resumindo (**síntese**), a Teologia da Libertação é vinculada estreitamente aos pobres, ao “Deus dos pobres” e não precisa de mais defesa, conforme afirma Libânio (2007) nas palavras do bispo Pedro Casaldáliga: “a Teologia da Libertação não precisa de defesa porque se defende por si mesma enquanto haja Deus dos pobres e Evangelho de Jesus e Igreja samaritana”, LIBANIO (2007:51).

#### **4. Discurso do jornal O Globo sobre a TdL**

O jornal O Globo integra as Organizações Globo, de propriedade da família Marinho. Fundado em 29 de julho de 1925, manteve-se com orientação política conservadora para o público de classe média alta da região metropolitana do Rio de Janeiro. Apoiou o golpe militar de 1964, mantendo estreitos laços com os governos

---

<sup>18</sup> “Silêncio obsequioso”: silêncio que se oferece, que se concede a alguém, procurando ser benevolente com a pessoa a quem isso é pedido. Neste caso concreto, silêncio concedido pelo Vaticano ao teólogo Leonardo Boff no ano de 1984, solicitando-lhe um afastamento da pregação e da publicação de textos por um período de tempo determinado.

militares que se seguiram. Segundo o *site* História e Controvérsias<sup>19</sup>, Roberto Marinho (proprietário do jornal) publicou em 1984 um artigo no jornal em que declara apoio ao regime militar desde o seu início até o processo de abertura política:

*Participamos da Revolução de 1964 identificados com os anseios nacionais e preservações das instituições democráticas, ameaçadas pela radicalização ideológica, greves, desordem social e corrupção generalizada* (O Globo, 7/10/1984, p. 1)

Roberto Marinho<sup>20</sup> se posicionou contra a Teologia da Libertação, o que lhe rendeu intensos debates com dom Helder Câmara. “Apartidário” e “independente de grupos econômicos” nos princípios da política editorial do jornal<sup>21</sup>, contradiz-se, na publicação de 30 de agosto de 1984, com o vazamento do documento “Instruções” da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé sobre a TdL, intitulado: “Vaticano condena desvios da Teologia da Libertação”. Chamada: “Documento adverte: uso do marxismo é negação prática da fé”. O teor documental entrou para o domínio público antes da publicação oficial pelo Vaticano. O fato alargou a discussão entre as alas conservadora e progressista da Igreja, que dividiu os católicos.

Dezenove anos depois da publicação do documento do Vaticano, na diferença de um dia (31 de agosto de 2013) o editorial do mesmo jornal publicou: “Apoio editorial ao Golpe de 64 foi um erro<sup>22</sup>”. Segundo o jornalista Emir Sader<sup>23</sup>, o jornal participou do bloco que criou clima favorável ao golpe e promoveu as “Marchas da Família com Deus, pela Pátria e Liberdade” que tentaram passar a ideia de que a população apoiava um golpe militar. Apoiou-o, buscou sua legitimidade e permaneceu pactuando com a ditadura militar ao longo de sua trajetória. Projetou-se como a porta-voz oficial da ditadura.

---

<sup>19</sup> O Globo. In: História e Controvérsias. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Globo](http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Globo) Acesso em: 1 mar. 2014.

<sup>20</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto\\_Marinho](http://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_Marinho). Acesso em: 1 mar. 2014.

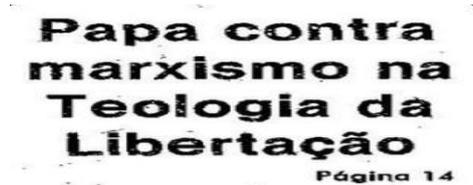
<sup>21</sup> G1: O Portal de Notícias da Globo: Princípios Editoriais das Organizações Globo. Disponível em: <http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacoes-globo.html>. Acesso em: Acesso em: 26 nov. 2013.

<sup>22</sup> Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>. Acesso 1 mar. 2014.

<sup>23</sup> Blog do José Prata: Globo, depois de 50 anos, diz que o “apoio editorial ao golpe militar de 1964 foi um erro”. Dá para acreditar nisso? Disponível em: <http://www.blogdojoseprata.com.br/detalhe-noticia/globo-depois-de-50-anos-diz-que-o-lidquoapoio-editorial-ao-golpe-militar-de-1964-foi-um-errordquo--da-para-acreditar-nisso->. Acesso em 15 fev. 2014.

Neste artigo, toma-se o discurso de O Globo sobre a TdL no título da chamada de reportagem de capa do referido jornal no dia 2 de outubro de 1984: “Papa contra marxismo na Teologia da Libertação” (Cfr. Imagem 5).

Imagem 5



O Globo (Chamada de Capa) em 2 out.1984, p. 1.

O contexto em que se insere o texto fora publicado havia um mês. No mesmo jornal, havia sido publicado o documento “Instruções sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação”. O documento, contrário ao que afirma o título do texto informativo, chamava a atenção, pois, na Introdução, lê-se que tal documento tem a finalidade de enfatizar certas formas da Teologia da Libertação que usam conceitos assumidos de diversas correntes do pensamento marxista, de maneira insuficientemente crítica. A advertência não deve ser interpretada como uma desaprovação de todos aqueles, com espírito evangélico, da opção preferencial pelos pobres, nem de refúgio e de indiferença diante dos trágicos e urgentes problemas da miséria. Conforme o item III - *Libertação, tema cristão*, nº 3 do documento, afirma-se que a expressão “teologia da libertação” designa uma preocupação privilegiada, geradora de compromisso pela justiça, voltada para os pobres e para as vítimas de opressão. E o nº 4 do mesmo documento cita que o próprio termo refere-se a um tema fundamental do Antigo Testamento (Bíblia); por isso, considera-se uma expressão válida.

Partindo-se da síntese do discurso do conteúdo original do documento “Instruções sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação” e do quadro complexo do marxismo, levantado por Comblin (1986), encontram-se os dois discursos afirmados por Raunu (2008): o *performativo* (o do documento e do título do jornal: “Papa contra marxismo na teologia da libertação”) e o *declarativo*, apontado na sua obra “A Força da Palavra” (2008), estudo histórico sobre o discurso revolucionário numa abordagem ao discurso marxista até se chegar ao discurso da evangelização.



A proposição “contra”, além de estabelecer a relação entre os dois termos “Papa” e “marxismo”, expressa, segundo o dicionário Aurélio, oposição, pensar contrariamente e se opor habitualmente a tudo. É possível ir-se mais adiante na análise repleta de ressonância no que se refere ao termo “marxismo”. Na análise estilística, utilizando-se o estilo do quiasmo<sup>25</sup>, pode-se organizar o texto em dois períodos (em ordem inversa) na seguinte estrutura:

**A – Marxismo** – (p. 16) (jogo do não *dito* + *o dito*)

**B – Papa** – contra o **marxismo**

**A’ - Marxismo** – na Teologia da Libertação

A linguagem faz o trabalho linguístico crítico, tem uma preocupação explícita com a relação entre linguagem e política. As narrativas produzem efeitos sobre a maneira como um acontecimento é compreendido. A frase do título sugere a ressonância do discurso, conforme Raunu (2008), Comblin (1986) e Foucault (2009), sobre o discurso abordado no contexto conceitual do texto. Por sua vez, o termo “teologia da libertação”, dentro do surgimento da história de tal teologia, insere-se no conceito *discurso da evangelização* (insere-se no conteúdo das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) / Teologia da Libertação). É um discurso que desperta e faz viver/mudar o ambiente/suscita forças desconhecidas/pessoas descobrem que possuem capacidades inimagináveis, conforme argumento conceitual do discurso apontado acima.

Quem fala? O editorial. Discursa com autoridade, declarando que o chefe do Estado do Vaticano/ Príncipe dos Apóstolos (Papa) é “contra” o “marxismo”.

Como fala sobre a TdL? É “marxista”. O “Papa” é “contra” o “marxismo na tal teologia da libertação”. Segundo os princípios jornalísticos (Manual) das Organizações Globo, publica-se apenas sob a convicção formada de que a “reportagem é legítima” (Seção III - on-line)<sup>26</sup>.

Palavras-chave: marxismo/Teologia da Libertação. O pesquisador finlandês Raunu (2008), partindo das ideias do teólogo João Batista Libânio, afirma que a qualidade

---

<sup>25</sup> Quiasmo – Consiste em organizar o texto em dois períodos consecutivos, de modo que no segundo período reapareçam os mesmos elementos do primeiro, mas em ordem inversa.

<sup>26</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organicoes-globo.html> Acesso em 5 mar. 2014.

teológica de um discurso deve ser medida não pelo que se fala ou se reflete, mas à luz do que se reflete e se fala.

## 5. Discurso do Jornal Folha de S. Paulo sobre a TdL

De acordo com Muniz (1999), a *Folha* apoiou o Golpe de 64 e cedeu seus carros para a *Operação Bandeirantes*<sup>27</sup>. Esse atrelamento, segundo ele, proporcionou o crescimento da *Folha* e da indústria cultural<sup>28</sup> do país. A política econômica da ditadura levou o país a uma etapa monopolista, com grande inversão de capitais estatais na indústria de base, promovendo a ascensão da classe média (leitores em potencial) em detrimento do setor operário.

Até a década de 1980, o jornal ficou atrelado ao governo militar fundamentalmente por razões econômicas. Para Sandri (2012), na década 80, a *Folha* apareceu aos olhos do povo como porta-voz da democracia e obteve a confiança dos leitores. “Pelo menos das portas da redação para fora, pois internamente continuava com seu regime autoritário. Para a *Folha*, a luta pela democracia era apenas uma espécie de fachada para ganhar o povo brasileiro”, afirma SANDRI (2012:1). Essa “fachada” aumentou com o apoio dado à campanha: “Diretas Já”. A partir de 1984, retransmitia para o povo notícias sobre os comícios e as manifestações que ocorriam nos bastidores da campanha. No mesmo período, entre os meses de setembro e outubro de 1984, a *Folha* publicava diariamente notas, notícias e reportagens sobre a Teologia da Libertação. O caso com maior repercussão foi o processo ao teólogo brasileiro Leonardo Boff pelos seus escritos, sobretudo “Igreja, Carisma e Poder”.

O título da reportagem da *Folha* de S. Paulo: “O prof. Boff ensina a “mecânica” da fé” (Cfr. Imagem 6), mostra a construção discursiva que argumenta e reforça, na

---

<sup>27</sup> Grupo paramilitar, financiado por empresários, para combater os grupos de esquerda que realizavam ações armadas, atuando do período de 1968-1973.

<sup>28</sup> A Indústria Cultural, segundo Adorno e Horkheimer, possui padrões que se repetem com a intenção de formar uma estética ou percepção comum voltada ao consumismo. Apresenta-se como único poder de dominação e difusão de uma cultura de subserviência. Ela torna-se o guia que orienta os indivíduos em um mundo caótico e que por isso desativa e desarticula qualquer revolta contra seu sistema. Isso quer dizer que a pseudo-felicidade ou satisfação promovida pela Indústria Cultural acaba por desmobilizar ou impedir qualquer mobilização crítica que, de alguma forma, fora o papel principal da arte (como no Renascimento, por exemplo). Ela transforma os indivíduos em seu objeto e não permite a formação de uma autonomia consciente. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/cultura/industria-cultural.htm>. Acesso em: 17 jan. 2015.

utilização do substantivo “mecânica”, o significado da palavra cujo objeto é o estudo das forças ou da sua ação, da sua construção e do seu funcionamento. Por sua vez, “prof. Boff” é o teólogo em julgamento pelos seus escritos expostos no livro “Igreja, Carisma e Poder”.

Palavras-Chave: Boff/”Mecânica” (=marxismo - o *não dito* + *dito* em “mecânica”).

Imagem 6



Folha de S. Paulo, 30 set. 1984. Editoria: Política, p. 9.

Analisa-se: o verbo “ensinar” (=transmitir conhecimentos, instruir; educar; doutrinar; = indicar, mostrar o caminho; na conjugação indireta, pregar) e a palavra “mecânica” (= ciência que estuda as leis que governam os movimentos). Isso tudo relacionado ao substantivo “fé” cuja força é capaz de produzir interferência, associando ao documento do Vaticano: “Instruções sobre alguns aspectos da TdL” com relação ao marxismo que, segundo Vilar (1985) *apud* Barbosa (2002) entre 1847 e 1867, Marx e Engels propuseram uma teoria geral das sociedades em transformação, unificando, por meio da observação e do raciocínio, não só análise econômica, como também, análise sociológica das formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas etc., por meio das quais os homens tomam consciência de seus conflitos. Com tal afirmativa, continua Barbosa (2002), assegura-se que a concepção fundamental do marxismo de que o objetivo da obra teórica não é interpretar o mundo, mas modificá-lo, ou seja, utilizar as análises para compreender profundamente o fato social e influir sobre suas transformações. Em tal contexto, o “prof. Boff”, o “professor” (que professa em público a verdade de uma religião), “ensina a mecânica da fé”, como afirma o título e o *lead* do jornal. Utiliza-se da metáfora/ironia:

<b>TÍTULO:</b>	“ O prof. Boff ensina a “mecânica” da fé”
----------------	---

<b>LEAD:</b>	“O padre (ou qualquer outro representante da Igreja) sobe a favela, topa com crianças famintas, homens mal vestidos, mulheres prostituídas, lixo, sujeira (...) e aproveita o cenário para pregar a palavra de Deus através do Evangelho: olhai os lírios do campo... Está começando uma aula de Teologia Sistemática no Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis, RJ, uma das principais escolas de Teologia da América Latina. O professor da matéria é o frei Leonardo Boff (...) e ex-aluno do instituto, que entre seus ex-professores mais conhecidos já teve o cardeal Paulo Evaristo Arns (...) e Boaventura Kloobenburg, bispo auxiliar de Salvador, um dos principais combates da Teologia mais praticada hoje na América Latina e África, a da Libertação.”
--------------	---

A mesma figura de linguagem em que um termo substitui a relação de semelhança entre a descrição no *lead* e os elementos que estão por trás da expressão “teologia da libertação”, segundo Francisco de Aquino Júnior (2012) *apud* Libânio (1996), está um movimento teológico-pastoral plural e complexo, cujas fronteiras são difíceis de serem demarcadas. Não se deveria falar em TdL no singular, pois existem muitas Teologias da Libertação. A insistência na análise relacionada a um dado percurso histórico da TdL, na época de ditadura militar vem ajudando a perceber e delinear as estratégias de comunicação, em diferentes enfoques de estudo dos textos que ajudam para realçar o fato inegável de que a linguagem é construída e construtiva de sentido.

O valor de verdade, conforme Charaudeau (2006), é demonstrável (baseia-se na evidência) e realiza-se por uma construção explicativa elaborada com instrumentação científica. Define-se como um conjunto de técnicas que permitem construir um ser verdadeiro. Essas técnicas podem ser aprendidas e fazem parte do saber, ao contrário do efeito de verdade, que se baseia na convicção e se prende a um saber de opiniões, devendo ser acreditado como verdadeiro. Cada tipo de discurso tem seus efeitos de verdade. No discurso jornalístico, a interpretação do produto, conforme Orlandi (2010), procura o sentido real, em sua materialidade linguística e histórica. A existência de uma relação vai abrindo a possibilidade de interpretar. Primeiro é preciso considerar que a interpretação seja parte do objeto de análise; segundo, é preciso compreender que não há descrição sem interpretação. Isso é o que será analisado, a seguir, no discurso da Revista Veja sobre a Teologia da Libertação.

## 6. Discurso da revista *Veja* sobre a TdL

Produzida pela Editora Abril, a revista semanal *VEJA* existe desde 1968, tendo passado por diferentes fases jornalísticas, algumas mais progressistas - como no momento em que apoiou as “Diretas Já!” - outras nem tanto. Segundo Sandri (2012), representa “uma democracia de fachada” SANDRI (2012:1) – ou mais conservadora, como na época do regime militar e atualmente. A revista se posiciona muitas vezes alinhada com setores conservadores da política brasileira, o que a faz alvo de críticas<sup>29</sup>. Tem merecido atenção de pesquisadores intrigados com sua capacidade de produção. Para Benetti (2007), a revista não se enquadra nos gêneros tradicionais de texto jornalístico, notadamente na distinção entre jornalismo informativo e opinativo. Embora carregado de informação, seu texto é fortemente permeado pela opinião, construída principalmente por meio de adjetivos, advérbios e figuras de linguagem.

*Veja* constituiu, de si mesma, uma forte imagem de legitimidade para proferir saber – frente a um suposto não saber dos leitores, da população em geral e, em certos momentos, das próprias fontes. BENETTI (2007:42).

Tomando como análise o título e a chamada da reportagem (Cfr. Imagem 8), no editorial utiliza-se a “cenografia constituída pela colagem e pelo caráter de síntese histórico”<sup>30</sup> ao criar a expectativa de resgate dos acontecimentos noticiados. Sua vocação reveladora, renovadora e fiscalizadora, segundo Benites (2013), justifica o título imperativo *VEJA*.

---

<sup>29</sup> Críticas e Controvérsias da Revista *Veja*. Disponível em:

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%ADticas\\_e\\_controv%C3%A9rsias\\_da\\_revista\\_Veja](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%ADticas_e_controv%C3%A9rsias_da_revista_Veja). Acesso em: 9 ago. 2013.

<sup>30</sup> BENITES, Sônia Aparecida Lopes. A Face do Brasil Mostrada nas Citações da Revista *Veja*. Junho/2009. Disponível em: [cpdl.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/333.pdf](http://cpdl.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/333.pdf). Acesso em: 9 ago. 2013.

Imagem 8



Veja, 21 mar.1984, p.88.

<b>TÍTULO</b>	“Fogo Cerrado”
<b>CHAMADA</b>	“A Teologia da Libertação é duramente condenada”

A publicação da reportagem é datada de cinco meses antes da publicação do documento “Instruções”, mas, desde 1982, o processo do teólogo Leonardo Boff sobre seus escritos com a temática *Igreja e Poder* já estava ocorrendo na Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé. Tal contexto insere-se no tempo de tensão com o mundo no pontificado de João Paulo II. Segundo Teixeira (2013), vários teólogos foram enquadrados em nome de um projeto restaurador. Foram incisivas as ações da citada Congregação no confronto de doutrinas teológicas, consideradas mais sensíveis (a teologia moral, a teologia da libertação ou a teologia das religiões). Os impactos foram mais vivos, na década de 80, com notificações contra teólogos que atuavam nessas áreas, entre eles Leonardo Boff (1985), Charles Curran (1986)<sup>31</sup>, Edward Schillebeeckx (1986)<sup>32</sup> e Matthew Fox (1988)<sup>33</sup>. Verificavam-se tensões entre concepções

<sup>31</sup> Artigo de Charles Curran. Condenação de teólogos e teólogas: nenhuma surpresa nestes tempos. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/510231-condenacao-de-teologos-e-teologas-nenhuma-surpresa-nestes-tempos-artigo-de-charles-curran>. Acesso em: 18 jan. 2014.

<sup>32</sup> Edward Schillebeeckx, um teólogo para hoje. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/32395-edward-schillebeeckx-um-teologo-para-hoje>. Acesso em: 18 jan. 2014.

<sup>33</sup> A Igreja em cisma? Entrevista com Matthew Fox. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/506646-a-igreja-em-cisma-entrevista-com-matthew-fox>. Acesso em: 2 fev. 2014.

eclesiológicas<sup>34</sup> diversas, que significassem o reconhecimento da liberdade religiosa e a abertura às outras religiões, fato que gerou o conflito de interpretações.

Na instância de enunciação, a revista afirma no título que “Fogo cerrado”, com efeito metafórico com o substantivo “fogo” (= incendiar /queima/fogueira) relacionado à Inquisição (caças às bruxas/hereses) e o adjetivo “cerrado”, segundo dicionário Aurélio (= encerrado/vedado/fechado), estabelecia uma relação com a chamada da reportagem: “Teologia da Libertação é duramente condenada”. As formações discursivas tornavam visível o fato. A mídia trabalhou com paráfrase, em “Fogo cerrado”, ao comentar a *chamada* para o leitor interessado no tema Teologia da Libertação. A utilização do advérbio “duramente” (= firme. Que se opõe/resistência/rigoroso/severo/implacável/áspero) e “condenada” (segundo dicionário Aurélio = sentenciado/criminoso/que está no inferno) mostra a intenção do enunciado.

Quem fala?: A mídia que apoiou a ditadura militar.

Para quem fala?: Seus leitores: os empresários, a classe média alta e os militares.

Como fala da TdL? Que a “Teologia da Libertação é “condenada” (=criminoso). O “fogo” (= a fogueira queima). Tal teologia é simbolicamente “condenada” ao “fogo” (=para criminosos/hereses). E, ela mesma, a Revista Veja, um ano depois, publicou o “veredito final”. Aqui se compreende o movimento discursivo da interpretação, inscrito no objetivo simbólico dentro do contexto histórico. Tais acontecimentos tinham ocorrido e percebe-se, então, que a Igreja Católica, com o tema TdL esteve na esfera pública com o “veredito final” da mídia em 1985.

Imagem 9



Veja 27/3/ 1985, p.69

O presente artigo não pretende analisar o discurso das mídias contemporaneamente. Contudo, para compreender o que ocorreu no ano de 1984, destaca-se, como exemplo, uma publicação do ano de 2013 sobre a Teologia da

<sup>34</sup> Disponível em:

[file:///C:/Nubia/Doc%20Nubia/MESTRADO/Orienta%C3%A7ao%20Pesquisa/Cap\\_Finais01/Livros\\_Artigos\\_Pesquisa/Religiao\\_Ig\\_Catolica/EClesiologia%20de%20Baixo.htm](file:///C:/Nubia/Doc%20Nubia/MESTRADO/Orienta%C3%A7ao%20Pesquisa/Cap_Finais01/Livros_Artigos_Pesquisa/Religiao_Ig_Catolica/EClesiologia%20de%20Baixo.htm) Acesso em 3 mar. 2014.

Libertação para observar a mudança discursiva da mesma mídia (revista Veja) no século XXI.

O ponto de partida é o marco histórico da eleição do novo pontífice da Igreja Católica: Papa Francisco. O título da matéria: “Antes de Francisco” (Cfr. Imagem 10), apresenta o pontífice “com o gosto pela culinária”. No corpo da reportagem há um trecho (Cfr. imagem 11) que sugere análise de como o discurso de tal mídia sobre a Teologia da Libertação é construído e qual sentido é produzido. Isso, duas décadas depois de o “veredito final” (1985).

Imagem 10



Veja, 15 mai. 2013. Editoria: Religião, p.106

Em 2013, o tema Teologia da Libertação retornou à mídia com outro marco histórico na Igreja Católica no Novo Milênio, ou seja, a renúncia do papa Bento XVI (28 de fevereiro de 2013). Segundo Passos (2013), antes de qualquer discurso, a renúncia foi, por si mesma, delatora da necessidade de reforma na Igreja Católica (mudanças urgentes). A surpresa foi anunciada no dia 13 de março de 2013 com a eleição do 1º Papa latino-americano (Jorge Mario Bergoglio), que escolheu o nome de Francisco (Papa Francisco). Com a eleição do novo pontífice, o tema Teologia da Libertação é retomado na imprensa brasileira. Entra para a agenda das mesmas mídias que foram estudadas no ano de 1984. Como demonstração, insere-se uma análise do trecho da reportagem realizada pela Revista Veja (Cfr. Imagem 11).

Imagem 11

no Bra- se os mais pobres o tirava do sério. In- reunir grupos numerosos de alunos. Aos domingos, dia de folga da cozi-  
 vido re- clusive quando isso ocorria dentro da nheira, era ele que preparava as refei-  
 sde os própria Igreja. Francisco é abertamente ções. Seu frango com creme de leite e  
 o da ca- contra a Teologia da Libertação, movi- manteiga é famoso. Outra singularida-  
 Primo- mento religioso que tentou adotar o de: ao ser eleito papa, Bergoglio ligou  
 issou a marxismo em ensinamentos cristãos, para os amigos argentinos e lhes deu  
 amente sob o argumento da opção preferencial um número de fax do Vaticano para  
 ara ali- pelos menos favorecidos. “Não se deve que eles pudessem enviar cartas. O  
 irmãos. entender o pobre a partir de uma herme- pontífice as responde por telefone. ■  
 apren- nêutica marxista. É preciso conhecê-lo

Veja, 15 de mai. 2013. Editoria: Religião, p.107.

<b>TRECHO</b>	“Francisco é abertamente contra a Teologia da Libertação, movimento religioso que tentou adotar o marxismo em ensinamentos cristãos sobre o argumento da opção preferencial pelos menos favorecidos” (p.107)
---------------	--

Segundo Passos (2013), o nome do papa, “Francisco”, significa a programática reformadora<sup>35</sup> do “*carisma de Francisco*” (= vida do santo católico: São Francisco), ou seja, sugere-se o nome da “Igreja dos Pobres”. É a primeira vez que a Igreja Católica concede esse nome a um papa. O texto utiliza-se de um advérbio “abertamente”, segundo dicionário Aurélio (= sem disfarce) e segue com a preposição “contra” (=oposição/contrário), além da expressão “Teologia da Libertação” que, conforme Francisco de Aquino Junior (2012), indica um movimento eclesial mais ou menos reflexo, isto é, um jeito de ser Igreja, de viver e celebrar a fé, uma práxis pastoral, em seu momento mais explícito e estritamente reflexivo. Sua elaboração e formulação é teórico-conceitual (teoria-práxis). O editorial (escrito por Adriana Dias Lopes) é claro e objetivo em relação à exposição do termo: “Teologia da Libertação”. Foi “um movimento religioso que tentou adotar o marxismo em ensinamentos cristãos sob o argumento da opção preferencial pelos menos favorecidos”.

Contrariamente ao que afirma PASSOS (2013:24), “há rupturas estéticas introduzidas pelo novo papa “Francisco”, com o ideal da “Igreja dos Pobres” que, segundo acreditava a ala conservadora, era algo que havia desaparecido após censuras à Teologia da Libertação”. Continua o autor exemplificando a declaração do próprio Papa

<sup>35</sup> Para a programática reformadora do papa Francisco: gestos e atos do pontífice renascem a esperança que é possível um novo curso na história da Igreja e na história da Teologia da Libertação. As ações e a simplicidade do papa Francisco se chocarão com a complexidade da estrutura eclesial. Reaparecem após as censuras à Teologia da Libertação.

Francisco: “Ah, como eu queria uma Igreja pobre e para os pobres!” PASSOS (2013:25).

Quem discursa? “Adriana Dias Lopes” (Editora de Saúde da Revista Veja).

Para quem fala? Para classe média alta/conservadora ou assumidamente de direita.

Como fala sobre a TdL? Como “movimento” que “tentou” “adotar” o “marxismo” (“sob argumento dos menos favorecidos”), para “ensinamentos cristãos”.

Palavras-chave: “Teologia da Libertação” e “marxismo”.

O discurso veiculado em forma de matéria jornalística é carregado de opinião, ideologia e pontos de vista sobre o mundo. Seu objetivo é (tentar)<sup>36</sup> produzir sentido, no sentido dado por VERÓN (1984:80) ao afirmar que “os textos não se referem somente à escrita e sim a tudo que compõe materiais significantes<sup>37</sup>, como a escrita-imagem-sentido”.

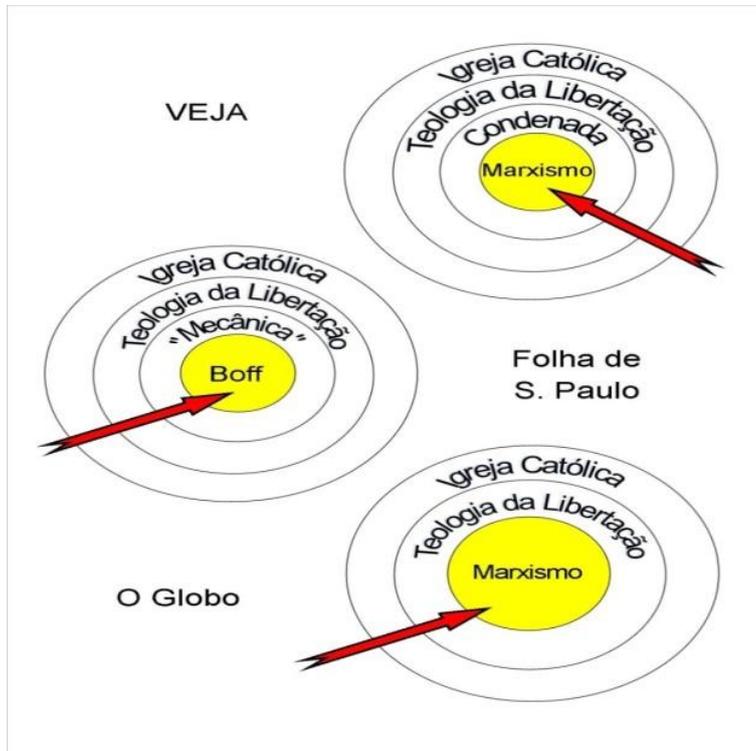
### **Considerações finais**

A análise dos títulos e das chamadas das notícias e reportagens publicadas nos Jornais O Globo, Folha de S. Paulo e Revista Veja, nos meses de setembro e outubro do ano de 1984, período da publicação do documento do Vaticano: “Instruções Sobre Alguns Aspectos da Teologia da Libertação”, propôs-se a encontrar o significado dos textos e conhecer o discurso midiático construído sobre a Teologia da Libertação. O trabalho baseou-se na Análise do Discurso (francesa), articulado com o método Histórico. Interligaram-se várias áreas de saberes envolvidos no conceito de discurso de dois jornais e uma revista de porte nacional.

---

<sup>36</sup> Todo discurso é uma tentativa de convencer o outro; no caso deste estudo da mídia, convencer seus leitores. Mas só uma análise do público, de recepção permitiria saber se eles foram convencidos ou não.

<sup>37</sup> **Significante** - é o veículo que contém a mensagem, ou seja, o gesto, palavra ou som que usamos para transmiti-la. Cfr. Site: Video.Grafia: Teorias da Comunicação. Disponível em: <http://www.univ-ab.pt/~bidarra/hyperscapes/video-grafias-6.htm>. Acesso em: 20 mar. 2014.



Esquema: Elaboração própria.

A palavra de fundo implicada é a “Igreja Católica”. Porta de entrada dos discursos construídos pelos textos. A síntese sobre o alvo das três mídias (O Globo/Folha de S.Paulo/Veja) é estruturada no esquema que remete à ideia do jogo de arco e flecha. Utilização da retórica (flecha) para acertar (discurso informativo) o objetivo (alvo) dos editoriais dentro dos processos do discurso informativo.

O discurso editorial de O Globo, Folha de S. Paulo e Veja foi enquadrado na materialidade linguística da intencionalidade, em tons de ironia, direcionando e procurando formar opinião dos seus públicos leitores, particularmente os católicos ou os leitores que se interessavam pela TdL. Fez-se valer o poder/autoridade das mídias que discursaram sobre a Teologia da Libertação. Condenaram a “Teologia da Libertação” e atingiram como alvo o “marxismo” (ataque à influência das duas correntes). Isso pode ser observado nas palavras-chave encontradas nos textos: “teologia da libertação”, “condenada”, “marxismo”, “mecânica” e “Boff”. No jogo de expressões, a tentativa de produção de sentido transparece, assim como a ideologia dos editoriais analisados.

A Folha de S. Paulo apontou na “mecânica” (=Marxismo – *não dito*) e na “Teologia da Libertação”. Atingiu o teólogo “Boff” que levantara questões das injustiças no mundo e dentro da própria Igreja Católica. Atingindo e silenciando o professor “Boff” no “ensino da mecânica da fé” “condena” a “Teologia da Libertação” e o “marxismo”. Por sua vez, a Revista Veja tentou, como os jornais, influenciar os leitores condenando a Teologia da Libertação e seu principal líder, Leonardo Boff.

## REFERÊNCIAS

- ARTIGO de Charles Curran. Condenação de teólogos e teólogas: nenhuma surpresa nestes tempos. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/510231-condenacao-de-teologos-e-teologas-nenhuma-surpresa-nestes-tempos-artigo-de-charles-curran>. Acesso em: 18 jan. 2014.
- A IGREJA EM CISMA? Entrevista com Matthew Fox. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/506646-a-igreja-em-cisma-entrevista-com-matthew-fox>. Acesso em: 2 fev. 2014.
- ANDRADE, Paulo F. C. de. **Fé e Eficácia: o uso da sociologia na Teologia da Libertação**. Fé e Realidade. n. 31, São Paulo: Loyola. 1991.
- ANDRADE, Claudionor Correa. **Dicionário Teológico**. Rio de Janeiro: Publicadora da Assembleia de Deus. 1998.
- APOIO EDITORIAL ao golpe de 64 foi um erro. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>. Acesso 1 mar. 2014.
- BLOG DO JOSÉ PRATA: Globo, depois de 50 anos, diz que o “apoio editorial ao golpe militar de 1964 foi um erro”. Dá para acreditar nisso? Disponível em: <http://www.blogdojoseprata.com.br/detalhe-noticia/globo-depois-de-50-anos-diz-que-o-ldquoapoio-editorial-ao-golpe-militar-de-1964-foi-um-erroldquo--da-para-acreditar-nisso->. Acesso em 15 fev. 2014.
- BOFF, Clovis. **Teologia Pé no Chão**. Petrópolis-RJ :Vozes, 1984.
- BOFF, Leonardo. **Teologia do Cativo e da Libertação**. 4.ed.,Vozes, 1985.
- BENITES, Sônia Aparecida Lopes. A Face do Brasil Mostrada nas Citações da Revista Veja. Junho/2009. Disponível em: [cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/333.pdf](http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/333.pdf). Acesso em: 9 ago. 2013.
- BENETTI, Maria. “A Ironia como estratégia Discursiva da Revista Veja”. In: LÍBERO, Revista. Ano X, n. 20, dez 2007.
- BARBOSA, Marialva. **História e Marxismo: as ideias comunicacionais latino-americanas**. In: Matrizes Comunicacionais Latino-Americanas: marxismo e cristianismo. (Org): MELO, José Marques; GOBBI, Maria Cristina; KUNSCH, Waldemar Luiz. São Bernardo do Campo: UNESP: Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. 2002.
- CASTRO, Cosette Espíndola. **Marcas Multiculturales em Granhermano: los casos español e português**. Universitat Autònoma de Barcelona. Espanha. (tese doutoral) 2003. Disponível em: <http://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/4207/cec1de1.pdf?sequence=1>. Acesso em: 17 jan. 2015.

- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Tradução: Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- COMBLIN, José. **A Força da Palavra: “no princípio havia a palavra”**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1986.
- \_\_\_\_\_. **A profecia na Igreja**. São Paulo: Paulus, 2008.
- CONCLUSÕES da Conferência de Puebla. Texto Oficial. São Paulo: Paulinas, 1979.
- CRÍTICAS e Controvérsias da Revista Veja. Disponível em:  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%ADticas\\_e\\_controv%C3%A9rsias\\_da\\_revista\\_Veja](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cr%C3%ADticas_e_controv%C3%A9rsias_da_revista_Veja).  
Acesso em: 9 ago. 2013.
- DICIONÁRIO Aurélio On-Line. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/>. Acesso em: 12 nov. 2013.
- EDWARD Schillebeeckx, um teólogo para hoje. Disponível em:  
<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/32395-edward-schillebeeckx-um-teologo-para-hoje>. Acesso em: 18 jan. 2014.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2009.
- PRINCÍPIOS Editoriais das Organizações Globo. Disponível em:  
<http://g1.globo.com/principios-editoriais-das-organizacaoes-globo.html> Acesso em: 9 ago. 2013.
- GALILEA, Segundo. **Teologia da Libertação: ensaio de síntese**. São Paulo: Paulinas, 1978.
- GUTIÉRREZ. **Teologia da Libertação**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- INSTRUÇÕES Sobre Alguns Aspectos da Teologia da Libertação. Documento do Vaticano da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé. Disponível em:  
[http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_198408\\_06\\_theology-liberation\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_198408_06_theology-liberation_po.html) Acesso em: 1 nov. 2013.
- ISNARD, Clemente José Carlos. **Em Torno da Teologia da Libertação**. In: Revista de Catequese. Nº. 29, 1985.
- IRIARTE, Gregório. **CEB, um modo novo de ser Igreja: roteiro prático para animadores**. São Paulo: Paulinas, 1992.
- JÚNIOR, Francisco de Aquino. **Atualidade da Teologia da Libertação**. In: Revista de Estudo de Religião, v. 3, n.1, 2012, p. 26-48.
- KUNZ, Claiton André. **Método Histórico-Gramatical: um estudo descritivo**. Via Teológica, v. II, p. 23-53, 2008. Disponível em:  
[http://portalfbp.weebly.com/uploads/6/5/7/9/6579080/metodo\\_historico-gramatical.pdf](http://portalfbp.weebly.com/uploads/6/5/7/9/6579080/metodo_historico-gramatical.pdf). Acesso em: 14 fev. 2014.
- LIBÂNIO, J.B. **A Teologia da Libertação**. In: **Teologia Para Quê?** (Org): Edson Fernando de Almeida; Luiz Longuini. Temas teológicos Contemporâneos, vol. 1. Rio de Janeiro: Mauad X: Instituto Mysterium, 2007.
- \_\_\_\_\_, J.B. **Teologia da Libertação: roteiro didático para um estudo**. Fé e Realidade. Nº 22. São Paulo: Loyola, 1987.
- MUNIZ, Altamar da Costa. **As Mudanças de Linha Editorial na Folha de S. Paulo (1979-1989)**. UFCE, 1999.
- MATER ET MAGISTRA* (1961) – Carta Encíclica do Papa João XXIII sobre a evolução da questão social à luz da doutrina cristã. Disponível em:  
[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_xxiii/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_15051961\\_mater\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater_po.html). Acesso em: 24 jul. 2013.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 9.ed. Campinas: Pontes, 2010.
- PACEM IN TERRIS* (1963) – Carta Encíclica do Papa João XXIII sobre a paz de todos os povos na base da verdade, justiça, caridade e liberdade. Disponível em:

[http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_xxiii/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_11041963\\_pacem\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem_po.html) . Acesso em: 24 jul. 2013.

PASSOS, João Décio. SOARES, Afonso M. L. (Orgs.). **Francisco: renasce a esperança**. Coleção Francisco. São Paulo: Paulinas. 2013.

PAPA. Disponível em: <http://www.catholicismoromano.com.br/content/view/128/40/> ou disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Papa> Acesso em 15 jan. 2013.

PAULO, Folha de. **Teólogos da Libertação dão resposta ao Vaticano, em SP**. 31 ago. Encarte, pp.14 -15. 1984.

PUEBLA. Conclusões da Conferência de. **Texto Oficial**. São Paulo: Paulinas. 1979.

RAUNU, Jukka. **Teologia da História - última realidade – ortopraxis: notas sobre a filosofia na Teologia da Libertação**. Teocomunicação. Revista da Teologia da PUCRS. Vol. 38, n. 160. 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/4484>> Acesso em: 19 ago. 2013.

RICHARD, Pablo. Avanços e Recuos no Documento Sobre a Teologia da Libertação. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. v.44, fasc. 176, dezembro,1984.

RUBIO, G. **Teologia da Libertação: Política ou Profetismo?** São Paulo: Paulinas,1977.

SANDRI, Cíntia. **Folha de S. Paulo. A empresa impressa da comunicação**. CANAL DA IMPRENSA. disponível em:<<http://www.canaldaimpresa.com.br/canalant/foco/doito/foco6.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2013.

SILVA, Núbia Maria da. **O Discurso da Mídia sobre a Teologia da Libertação (TdL): o estudo de caso da revista Veja e dos jornais O Globo e Folha de S. Paulo**. UCB, 2014.

TEXEIRA, Faustino. **Igreja Católica em Tempo de Transição**. In: Estudos da Religião. v. 27, n. 2, 177-192, jul-dez. 2013.